

A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA DO REFLEXO DE LÊNIN E A TEORIA DA ARTE EM LUKÁCS

LA RELACIÓN ENTRE LA TEORÍA DE LA REFLEXIÓN DE LENIN Y LA TEORÍA DEL ARTE EN LUKÁCS

THE RELATIONSHIP BETWEEN LENIN'S REFLECTION THEORY AND THE THEORY OF ART IN LUKÁCS

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.38678>

Ranieri Carli¹

Resumo: Este artigo pretende estudar o vínculo que há entre a teoria do reflexo em Lênin e a teoria da arte de Lukács. Descreve-se sumariamente o modo como Lênin elaborou a categoria tanto no *Materialismo e empiriocriticismo* quanto nos *Cadernos filosóficos*. Para, a partir daí, investigar de forma breve como se dá a recepção de Lukács da noção de reflexo. Sustenta-se no presente texto que Lukács incorpora a noção de reflexo de Lênin em sua versão mais complexa, enriquecida, que não prescinde da função criadora do sujeito do conhecimento.

Palavras-chave: Reflexo. Lênin. Arte. Lukács.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo estudiar el vínculo entre la teoría de la reflexión de Lenin y la teoría del arte de Lukács. La forma en que Lenin elaboró la categoría se describe brevemente tanto en el *Materialismo y el empiriocriticismo* como en los *Cuadernos filosóficos*. Para, a partir de ahí, investigar brevemente cómo Lukács recibe la noción de reflejo. En el presente texto se sostiene que Lukács incorpora la noción de la reflexión de Lenin en su versión más compleja y enriquecida, que no prescinde de la función creativa del sujeto del conocimiento.

Palabras clave: Reflejo. Lenin. Arte. Lukács

Abstract: This article aims to study the link between Lenin's theory of reflection and Lukács's theory of art. The way in which Lenin elaborated the category is briefly described both in *Materialism and empiriocriticism* and in the *Philosophical Notebooks*. From there, to briefly investigate how Lukács receives the notion of reflection. It is maintained in the present text that Lukács incorporates the notion of Lenin's reflection in its most complex, enriched version, which does not dispense the creative function of the subject of knowledge.

Keywords: Reflection. Lenin. Art. Lukács.

Breve introdução

Este artigo apresenta uma continuação face a reflexões anteriores de nossa lavra, expressas fundamentalmente em Carli (2019). A intenção das páginas a seguir é desvelar as pontes que existem entre a noção de reflexo formulada por Lênin e a sua recepção pela teoria da arte em Lukács.

Como se sabe, o filósofo húngaro se anuncia como devedor da teoria do reflexo de Lênin precisamente no instante de sua trajetória intelectual em que está voltado para a consecução de uma estética marxista. São dois lados de uma mesma moeda em Lukács: de um lado, acolher a categoria leninista do reflexo e, de outro, erguer uma teoria sistemática da arte no âmbito do marxismo. E, com efeito, podemos medir a maturação das ideias estéticas do Lukács marxista justamente na sua relação com a categoria do reflexo, que caminha da inicial recusa e chega à sua incorporação crítica.

Vejamos.

A teoria do reflexo em Lênin

A primeira formulação do reflexo em Lênin se dá com o **Materialismo e empiriocriticismo**. Essa obra nasce de uma polêmica muito precisa: em oposição a Ernst Mach e seus seguidores – que alegavam formar uma terceira via em face do idealismo e do materialismo, e, assim, defendiam a ideia como sendo propriedade dos indivíduos singulares –, Lênin põe-se a tarefa de exhibir os grandes limites de tal empreitada filosófica. Não é nossa intenção desenvolver a cabo a filosofia de Mach, mas, segundo ele, há que se pensar o físico e o psíquico como um só, indissociável, que ocorre no imediato, no interior dos sujeitos, cada um conforme a singularidade da experiência vivida: “podemos mesmo chamar a totalidade desse fenômeno [a conexão entre o físico e o psíquico] que é dado imediatamente a apenas um singular, como o seu *E_n*, no sentido mais restrito do termo (MACH, 1982, p. 08; grifos originais).”

Contra a noção de Ernst Mach de que a ideia é singular e independente da matéria, que significava um retorno a um kantismo empobrecido prenhe de consequências ideológicas no período imperialista do capital, Lênin (1959, p. 48) escreve:

Fora de nós, independentemente de nós e de nossa consciência, existe o movimento da matéria, suponhamos ondas de éter de uma longitude determinada e de uma velocidade determinada, que, trabalhando sobre a retina, produzem no homem a sensação desta ou de outra cor. Tal é precisamente o ponto de vista das ciências naturais [...] E isto é precisamente materialismo: a matéria, atuando sobre nossos órgãos dos sentidos, suscita a sensação [...] A matéria é o primado. A sensação, o pensamento, a consciência são o produto supremo da matéria organizada de um modo especial.

Percebam que Lênin parte de um princípio corretamente materialista ao afirmar a independência da matéria em face dos sujeitos: fora de nós, existe o movimento da matéria. Por si só, essa sentença já faz com que boa parte da filosofia de Mach caia por terra, uma vez que este último alegava a rigorosa dependência da matéria diante do sujeito que a sente. No entanto, o desdobramento da conceituação de Lênin termina por abrir lacunas tal como a submissão inteira do sujeito frente ao movimento da matéria; de acordo com o restante do parágrafo, a sensação das cores é resultado do trabalho da matéria sobre a retina; as sensações são obra da matéria sobre os órgãos sensoriais dos sujeitos. Anula-se o sujeito e a ação fica por conta única e exclusivamente da natureza. Seríamos passíveis face à dialética da natureza, segundo o Lênin do **Materialismo e empiriocriticismo**.

Leiamos um outro exemplo extraído do livro de Lênin: “as imagens *do mundo exterior* existem *em nós*, suscitadas pela ação das coisas em nossos órgãos dos sentidos (LÊNIN, 1959, p. 88, 89; grifos originais).” Para o **Materialismo e empiriocriticismo**, a ação fica por conta das coisas exteriores que se impõem ao homem e a este último cabe o reflexo passivo de tal ação; a prática caberia às coisas exteriores e, ao homem, caberia a recepção sensível passiva.

Nesse instante de seu trajeto filosófico, Lênin está mais próximo de Feuerbach do que de Marx no que diz respeito às orientações materialistas de sua noção de reflexo. Basta se verificar a larga presença de Feuerbach no **Materialismo e empiriocriticismo**, presente em citações usadas por Lênin para certificar o leitor da fundamentação materialista de suas categorias. De fato, o que Lênin nos demonstra aqui é uma espécie de materialismo sensitivo, próximo a Feuerbach, autor que dizia que “a essência do ser *enquanto ser* é a essência da natureza. A gênese temporal estende-se apenas às formas, não é essência da natureza (FEUERBACH, 2002, p. 32; grifos originais).” É uma observação cabível ao espírito em que foi redigido o **Materialismo e empiriocriticismo**: o sujeito é contemplativo em seu vínculo com a natureza, que responde essencialmente pela formação das sensações nos homens.

Posteriormente, quando Lênin se confronta com a filosofia de Hegel, a sua noção de reflexo ganha em complexidade; há um evidente avanço entre o **Materialismo e empiriocriticismo** e os **Cadernos filosóficos**, espaço onde há a reelaboração da categoria por parte de Lênin. O reflexo leninista gira em cento e oitenta graus.

Observem o modo pelo qual o próprio Lênin, nos **Cadernos filosóficos**, refaz substancialmente a sua antiga concepção acerca do reflexo. A **Lógica** de Hegel, alvo daquelas anotações marginais, dá a Lênin a certeza da efetividade da consciência. No texto:

O conhecimento é o reflexo da natureza pelo homem. Mas esse reflexo não é simples, imediato, total; é um processo feito de uma série de abstrações, de formulação, de concepção de conceitos, de leis, etc. — e esses conceitos, leis, etc... *toçam*, relativamente, aproximadamente as leis universais da natureza em movimento e desenvolvimento perpétuos (LÊNIN, 1973, p. 172; grifos originais).

Assim, corretamente, para Lênin, o reflexo permanece sendo o reflexo da natureza no homem. Não se perde a prioridade da matéria, em hipótese nenhuma. No entanto, sofisticou-se o reflexo substancialmente, ao retirar o sujeito da condição contemplativa, pondo-o na condição criativa, capaz de uma séria de abstrações, formulações, concepções de conceitos, de leis, etc., que tocam relativamente a dialética da natureza, sem jamais reproduzi-las em sua integralidade.

Percebe-se a modificação que o contato com Hegel produziu no pensamento de Lênin. Distanciando-se de Feuerbach e aproximando-se de Hegel, Lênin (1973, p. 260) declara que “o idealismo inteligente está mais próximo do materialismo inteligente que o materialismo vulgar”. Escrito de outra forma, Marx está mais próximo de Hegel do que de Feuerbach.

Sem dúvida, a pesquisa da filosofia de Hegel auxiliou Lênin a enriquecer sua teoria do reflexo com categorias mais amplas, em especial identificando a função que o singular exerce. Nessa

segunda formulação da categoria, o singular aparece nas teorias leninistas, o que, antes, estava impossibilitado pela polêmica com Mach. Parece que, no **Materialismo e empiriocriticismo**, qualquer menção às singularidades do sujeito seria uma concessão aos adversários no confronto. Agora, nos **Cadernos filosóficos**, Lênin (1973, p. 296) compreende que, ao estudar as *Lições sobre a filosofia da história*, “há na obra de Hegel os germens do materialismo histórico”. E tendo frente aos olhos a **Ciência da lógica**, dirá que “o materialismo histórico [é] uma das aplicações e um dos desenvolvimentos das ideias seminais que existem em germen em Hegel (LÊNIN, 1973, p. 180).” Embora exagere os traços de continuidade entre Hegel e Marx, o que o revolucionário russo pretende é afirmar a importância universal das aquisições hegelianas, mantidas por Marx. Do que decorre a exatidão do trecho seguinte: “não se pode compreender totalmente *O Capital* de Marx e em particular seu capítulo inicial sem ter estudado bastante e sem ter compreendido *toda a Lógica* de Hegel. Por isso, nenhum marxista compreendeu Marx há meio século (LÊNIN, 1973, p. 170; grifos originais).”

Os **Cadernos filosóficos** lembram a primeira das *Teses sobre Feuerbach*, na qual Marx alega que:

O principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é o que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do *objeto* [*Objekt*] ou da *contemplação*, mas não como *atividade humana sensível*, como prática; não subjetivamente. Daí o lado ativo, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente desenvolvido pelo idealismo – que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal (MARX, 2007, p. 533; grifos originais).

O velho materialismo foi capaz de apreender a realidade sensível como objeto, como algo fora das consciências humanas, em sua materialidade autônoma diante das ideias; não é aqui que reside o seu limite; pelo contrário, o seu limite foi o de não ter reconhecido a dimensão subjetiva de tal realidade, isto é, o homem como o seu criador, o homem prático. Ausenta-se do velho materialismo a categoria da prática humana. É precisamente o “lado ativo” da relação entre objeto e sujeito que se desenvolveu no seio da filosofia idealista, que, contudo, apenas capturou a atividade humana em seu aspecto abstrato (cf. CARLI, 2019). É disso que tratam tanto as *Teses sobre Feuerbach* quanto os **Cadernos filosóficos**.

Nos **Cadernos filosóficos**, Lênin descobriu na **Lógica** de Hegel que a imediatez não corresponde à verdade do ser:

A verdade do ser é a essência. O ser é o imediato. Já que o saber quer conhecer o verdadeiro, o que o ser é *em si* e *por si*, não se detém no imediato e suas determinações, senão penetra através dele, supondo que *detrás* deste ser exista algo mais que o ser mesmo e que este fundo constitui a verdade do ser (HEGEL, 1968, p. 339; grifos originais).

A apreensão do objeto supõe que exista algo para além do imediato, não se detendo em suas determinações mais evidentes, é o que nos avisa Hegel no trecho reproduzido. O saber penetra através do ser em busca de sua essência. Isso reforça para Lênin a ideia de que o imediatamente dado não nos apresenta a realidade em sua concretude. Entre as notas dos *Cadernos*, Lênin escreveu

que o aparente é a essência em uma de suas determinações, em um de seus momentos (ver LÊNIN, 1973, p. 127); o aparente é uma determinação abstrata, porém, efetiva do real. Daí a necessidade de uma reflexão que vá para além do que está posto.

Por essas e outras, não há como subestimar a força dos *Cadernos filosóficos*. Trata-se de uma obra de alta envergadura. A categoria do reflexo nela presente irá nortear boa parte da teoria do conhecimento em Lukács, particularmente a sua teoria marxista da arte.

A teoria da arte em Lukács

Num primeiro momento de seu marxismo, Lukács recusa a teoria do reflexo de Lênin. Isso pode ser lido fundamentalmente em **História e consciência de classe**. Aqui, Lukács rejeitava a teoria do reflexo nos seguintes termos. O reflexo, para o Lukács de 1923, parecia como a mera reprodução das “facticidades rígidas e reificadas da empiria” (LUKÁCS, 2003, p. 403). Ainda impregnado de um certo hegelianismo, Lukács defendia que a consciência proletária transcendia a imediatividade do capital, sendo capaz de objetivar uma realidade “superior” que seria, segundo **História e consciência de classe**, a verdadeira realidade. Desse modo, “o critério de correção de um pensamento é, com efeito, a realidade. Esta, porém, não é, mas vem a ser — não sem a contribuição do pensamento (LUKÁCS, 2003, p. 403).” O real ainda não é, mas virá a ser. A consciência do operariado deveria então superar o reflexo do presente reificado e objetivar a realidade futura. A rejeição da noção de reflexo é uma consequência da identidade entre sujeito e objeto que consta em **História e consciência de classe**: de acordo com o Lukács de 1923, o reflexo estabeleceria teoricamente a dualidade insuperável no plano da reificação entre a consciência e o ser.

No decorrer da sua trajetória filosófica, Lukács incorpora a teoria do reflexo ao seu pensamento. A principal expressão desse movimento por parte de Lukács está em **Existencialismo ou marxismo?**, em um capítulo que se intitula “A teoria leninista do conhecimento e os problemas da filosofia moderna”. Nessa polêmica contra a filosofia existencialista, o filósofo húngaro afirma com todas as letras: “é impossível contestar essa verdade [a exatidão da categoria do reflexo], sem cair em pleno agnosticismo (LUKÁCS, 1979, p. 228).” No entanto, mesmo se dizendo devedor do **Materialismo e empiriocriticismo** de Lênin, Lukács descarta a noção estreita de reflexo, que condiciona o sujeito a um papel de mero reprodutor da empiria dada:

Mas o mundo exterior ultrapassa o que é imediatamente dado pela percepção de nossos órgãos. O mundo exterior é ao mesmo tempo movimento e transformação. Compreende ainda a direção da transformação e suas leis, assim como elementos constantes, escapando talvez à nossa percepção direta, mas que por isso deixam de compor os fenômenos que percebemos (LUKÁCS, 1979, p. 228, 229).

O pensador húngaro parte, aqui, de uma noção de reflexo mais complexa, recordando a citação da **Lógica** de Hegel que reproduzimos acima, que entende que a reflexão da consciência humana ultrapassa os fenômenos que estão dados no imediatamente empírico. Por trás do salário, há a reprodução dos custos da força de trabalho; por trás da mercadoria, há o consumo da força de trabalho e o acréscimo de mais-valor produzido, etc. Daí, ainda que Lukács alegasse que essa noção está presente no **Materialismo e empiriocriticismo**, é muito mais adequada à categoria do reflexo exposta nos **Cadernos filosóficos**.

É digno de nota que, na **Estética**, quando fala exatamente da teoria do reflexo, Lukács não mencione o **Materialismo empiriocriticismo** e sim os **Cadernos filosóficos**. É a essa obra de Lênin que o pensador húngaro recorre para sustentar a noção da arte como reflexão sobre uma particularidade historicamente posta.

Para chegar à categoria do reflexo na arte, Lukács discorre primeiramente sobre a modalidade de reflexão que existe no cotidiano. Leiamos:

A imagem da realidade na consciência é o resultado de um processo muito complexo (e distante de estar totalmente aclarado hoje em dia). O homem não pode limitar-se a deixar que atuem sobre ele as impressões da realidade; sob pena de ruína catastrófica, tem que se relacionar com elas, e muitas vezes instantaneamente, espontaneamente, sem tempo para reflexionar ou para conseguir uma interpretação representacional ou conceitual das impressões sensíveis. Isto tem como consequência que já no nível da percepção tenha lugar, no reflexo consciente da realidade, uma seleção em harmonia com a interação entre homem e mundo circundante; ou seja: que determinados momentos se acentuem como essenciais, enquanto que outros se descuídem total ou parcialmente e permaneçam reprimidos ao último termo da consciência (LUKÁCS, 1982, 2, p. 12, 13).

O homem não deve permitir que os objetos apenas atuem sobre ele porque, em determinados instantes, essa atuação pode ser catastrófica, segundo as palavras de Lukács acima. Para Lukács, o homem deve se relacionar com a objetividade do real que o circunda, capturando-a por meio do reflexo, mesmo que esse reflexo seja de forma espontânea como o visto no cotidiano, sem o tempo necessário para a elaboração conceitual da circunstância; como o exemplo dado na citação da **Estética**, quando nos deparamos com um objeto que vem em nossa direção ao caminharmos pela rua, a reação que brota espontaneamente é o desvio da trajetória promovida pelo objeto, ainda que não tenhamos tempo suficiente para calcular a curva cumprida pelo movimento do corpo, o que determinaria com exatidão o ponto em que cairia o objeto. A reação deve se dar sob a pena de ruína; a passividade do homem poderia lhe causar danos; a mera contemplação não bastaria. Vê-se, portanto, que a mais elementar circunstância cotidiana já nos demanda um reflexo, por mais simplório e automático; mesmo com a sua simplicidade e seu automatismo, o reflexo cotidiano comporta uma relação ativa do homem com a objetividade; sujeito e objeto estão em relação mútua (CARLI, 2019).

O reflexo estético é de outra magnitude. Carece de toda a espontaneidade imediata que contém o reflexo cotidiano. Houve a oportunidade para que Lukács chamasse a atenção para o

equivoco que seria se puséssemos o sujeito da arte no lugar de um mero reprodutor passivo da objetividade do real, desconsiderando-o em sua função criativa de autêntico autor:

Dado que até aqui colocamos sempre em relevo, voluntária e unilateralmente, a personalidade esteticamente importante, com a finalidade de revelar todo o absurdo das teorias da decadência fundadas exclusivamente sobre a particularidade pessoal, devemos agora acrescentar o seguinte [...]: as qualidades humanas existentes na particularidade pessoal, como a rapidez da percepção, a fina sensibilidade em face das impressões, a fantasia, etc., são a base de toda a aptidão artística; e se, no curso do trabalho, mesmo esta pode e deve ser aperfeiçoada até atingir altitudes originalmente insuspeitas, isto em nada altera o fato de que estamos aqui em face daquelas qualidades que são inseparavelmente ligadas à particularidade individual, à imediata incomensurabilidade de cada personalidade (LUKÁCS, 1968, p. 199).

Em um dos últimos capítulos da **Estética**, Lukács aborda um tema que é de relevância crucial para a discussão: o lugar da “beleza natural” no interior de uma teoria da arte. Sem meias palavras, descarta-se prontamente a ideia de que a chamada “beleza natural” possa ser equiparada à beleza estética, dado o fato elementar de que o estético nasce da intervenção criativa do homem. A natureza apenas se apresenta como objeto estético quando está em íntima relação com o humano; a natureza morta que serve às artes impressionistas é objeto estético na proporção em que o seu reflexo esteja em relação com o humanamente essencial de um tempo e lugar em particular. A pá de cal sobre a “beleza natural” enquanto similar à beleza estética está na observação de Lukács (1982, 4, p. 302) acerca do “caráter teleológico de todo fenômeno que merece a qualificação de estético”. A arte vem a ser a partir de uma posição teleológica de um sujeito singular; é o resultado de um fim posto pelo homem que pertence a uma particularidade histórica. Cairíamos no idealismo caso vissemos a natureza como obra da posição teleológica de um ser transcendente. Como a “beleza natural” nasce espontaneamente da própria dialética da natureza, é pouco provável que seja equiparável a um fenômeno estético. A comoção que nos provoca a beleza das flores, ou de qualquer outro objeto natural, não é de mesma espécie que a da catarse estética; em contrapartida, a beleza do quadro *Doze girassóis em uma jarra*, de Van Gogh, detém a ampla possibilidade de nos provocar a catarse estética. Para ser arte, é necessário passar pela intervenção humana (cf. CARLI, 2019).

Conclusão

Ao incorporar à sua teoria estética a categoria do reflexo, em particular a que Lênin expõe nos **Cadernos filosóficos**, Lukács esteve em condições de tratar da arte como uma atividade peculiar dentro das modalidades de práxis do ser social. Isto é, a arte é uma forma de reflexo que detém categorias específicas, uma legalidade particular, uma dialética interna e irreduzível. Há uma pletera de categorias que correspondem à reflexão artística, as quais Lukács abstrai em sua teoria, como a tipicidade, a antropomorfização, a suspensão temporária do fluxo cotidiano, a catarse, e

outras. A reflexão que a arte propõe não é a mera reprodução da empiria estática, não é a mera reprodução de um programa partidário, tampouco um retrato jornalístico de fenômenos dados.

Ao longo da batalha das ideias, desde sua formulação inicial, a teoria do reflexo sofreu investidas das mais diversas. Em geral, as ressalvas levam em consideração apenas a formulação de Lênin no **Materialismo e empiriocriticismo** e esquecem a forma cabal que a teoria recebeu nos **Cadernos filosóficos**. Para que a crítica à teoria do reflexo seja minimamente válida, há que se desconsiderar os **Cadernos** em que Lênin estuda Hegel e toda a sua riqueza categorial.

No terreno do pensamento burguês, não faltaram as críticas. Uma ilustração de crítica à noção de reflexo advinda do pensamento burguês está, por exemplo, na correta observação de Bourdieu (2007, p. 61) quando o sociólogo francês alega que seu empenho é atentar para o caráter ativo das ideias: “tratava-se de chamar a atenção para o ‘primado da razão prática’ de que falava Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeria nas **Teses sobre Feuerbach**, o ‘lado ativo’ do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do ‘reflexo’, tinha abandonado”.

De outro modo, também, o reflexo foi vulgarizado e difundido como o mero espelhamento estreito da realidade. Vulgarizado e simplificado pelos manuais. Isso é possível de ser verificado na obra de Plekhanov, que não escreveu manuais, muito embora tenha simplificado o que se entende por reflexão estética no âmbito do marxismo. Com o intuito justamente de fundar uma crítica estética de feição marxista, o pensador russo terminou por estreitar em demasia a relação da arte com a economia, por imaginar equivocadamente que, assim, seria fiel ao método de Marx; ele escreveu que “a arte de qualquer povo, em minha opinião, sempre mantém estreitíssima relação causal com sua economia (PLEKHANOV, 1969, p. 124).” Nesse caso, conforme sustenta Plekhanov, a relação entre a arte e a economia é de determinação estreita e imediata da primeira pela última, de uma relação causal direta e automática. Aqui, reflexo é mero espelhamento.

A nosso ver, o ideal é incorporar a noção de reflexo do modo fecundo como o fez Lukács em sua teoria estética, bebendo sobretudo das fontes dos **Cadernos filosóficos** de Lênin, uma obra de caráter universal. Há que se afirmar o aspecto inapelavelmente reflexivo da arte, como Lukács compreendeu, além de abordar a reflexão estética como sendo criativa. A arte está necessariamente associada à capacidade inventiva do ser social, à sua possibilidade de superar a simples contemplação e erguer-se ao patamar da prática criativa. O reflexo e a criação se associam numa relação mútua. Mantém-se teoricamente o reflexo como categoria constitutiva do conhecimento (inclusive o conhecimento provido pela arte), sem fazer concessões a nenhuma forma de apassivamento ou anulação do sujeito criador.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARLI, Ranieri. A prática do sujeito da arte e a categoria do reflexo no âmbito estético. In: WELLEN, Henrique; WELLEN, Hérica Medeiros (org.). **Arte & política: ensaios sobre estética e marxismo**. São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2019, p. 55-78.

FEUERBACH, Ludwig. **Princípios da filosofia do futuro e outros escritos**. Lisboa: Edições 70, 2002.

HEGEL. **Ciencia de la lógica**. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1968.

LÊNIN. **Materialismo y empiriocriticismo**. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1959.

LÊNIN. **Cahiers philosophiques**. Paris: Editions Sociales, 1973.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUKÁCS, György. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Editora livraria de ciências humanas, 1979.

LUKÁCS, György. **Estética I: la peculiaridad de lo estético**. Barcelona; México, DF: Grijalbo, 1982. 4 v.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACH, Ernest. **Conoscenza ed errore: abbozzi per una psicologia della ricerca**. Torino: Einaudi Editore, 1982.

MARX, Karl. Ad Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 533-535.

PLEKHANOV, Georg. **A arte e a vida social & Cartas sem endereço**. São Paulo: Brasiliense, 1969.

Notas

¹ Professor associado do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) no campus de Rio das Ostras. Possui doutorado em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Coordena o Laboratório de Estudos em Teoria Social (LETS), que estuda as principais obras da teoria social inaugurada por Marx. Currículo Vitae na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2425961255445710>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5821-3496>. E-mail: raniericarli@gmail.com

Recebido em: 04.09.2020

Aprovado em: 04.09.2020